



EM BUSCA DE RASTROS PRECONCEITUOSOS DE EXU, NA LEI 10.639/2003

MARQUES, Maria Cristina¹

Mestranda em Relações Étnico-Raciais – CEFET-RJ
mariacmarques2010@hotmail.com

100

RESUMO: O presente artigo apresenta reflexões a respeito da noção de Arquivo. Nos interstícios desse conceito, o paradidático Lendas de Exu², e como o fio condutor desse embate bibliográfico, o orixá Exu, que se configurará em quase todo o trabalho. Para enriquecer ainda mais esse conceito de Arquivo, inserem-se algumas anotações das obras de autores como Derrida e Foucault, como protagonistas iniciais deste estudo. Para se exemplificar a memória, apresenta-se, Arthur Ramos, com intuito de iniciar reflexões da teoria de Arquivo.

Em busca de rastros preconceituosos de Exu, vistos pelos olhares epistemológicos, adentra-se no presente, e por essas vias, introduzem-se os conceitos de Paulo Lins, que comprova ser sua obra, dentre outras existentes, uma amostra cultural da presença ativa da etnia negra, em relação à presença religiosa como formato cultural de uma Nação.

Palavras-chave: Arquivo, Exu, Lei 10.639/2003

Abstract: This article presents reflections on the notion of File. In the interstices of this concept, the paradidactic Legends of Eshu, and as the conductor of this bibliographic clash, the Orisha Eshu, which will set in almost any article. To further enrich this concept Archive, fall into a few notes from the works of authors such as Derrida and Foucault, as protagonists of this initial study. To exemplify memory, presents, Arthur Ramos, in order to start reflections Theory archive. In search of biased traces of Eshu, seen by epistemological looks, it enters in the present, and these pathways, introduce the concepts of Paulo Lins, who proves to be his work, among other existing cultural sample of the active presence of black ethnicity in relation to religious presence as a cultural form of a Nation.

Keywords: File, Eshu, Law 10639/2003

¹Mestranda em Relações Étnico Raciais pelo CEFET-RJ, Especialista em Afrocartografia pela FUNEMAC – Fundação Educacional de Macaé, Especialista em Línguas Latina (UERJ), e Portuguesa (FEUC). Professora de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Macaé, Inglês na Rede Estadual. Sacerdotisa de Umbanda dos templos CROHR&CIRPAIJA www.ogumhorusra.com.br

²O fato que envolveu o paradidático *Lendas de Exu* do autor Adilson Martins, 2009. Trata-se de preconceito com a Lei 10.639/2003 que foi confundida com a religiosidade de matriz africana, quando a mitologia de África foi exposta para os discentes de uma escola de Macaé. Disponível em: estudosnegros.blogspot.com/.../lendas-de-exu-na-escola-ignorancia.html, acessado em: 16 de junho de 2014.



EM BUSCA DE RASTROS PRECONCEITUOSOS DE EXU, NA LEI 10.639/2003

Este artigo apresenta ideias e análises que demandam um aprofundamento da demonização que Exu, orixá yourubano da cultura de um país do continente africano. Através da noção de Arquivo, de leituras que tratam diretamente ou indiretamente da questão, delineia-se a tentativa de transpor a mitologia africana dos terreiros de religiosidade afro à Educação. Para enriquecer ainda mais esse conceito de Arquivo, inserem-se algumas anotações das obras de autores como Derrida e Foucault, como protagonistas iniciais deste estudo. Considerando a abordagem bastante peculiar a cada um desses autores, e para se exemplificar a memória, apresenta-se, Arthur Ramos, com intuito de iniciar reflexões da teoria de Arquivo.

A partir disto, o que se pretende, na verdade, é trazer à tona, estudiosos do passado que estavam relacionados ao tema religioso de matriz africana que somados a um escrito da contemporaneidade, vão enriquecer, ainda mais, esses conceitos. Em busca de rastros preconceituosos de Exu, vistos pelos olhares epistemológicos, adentra-se no presente, e por essas vias, introduzem-se os conceitos de Paulo Lins, que comprovam ser sua obra, dentre outras existentes, uma amostra cultural da presença ativa da etnia negra, em relação à musicalidade do samba e a presença religiosa como formato cultural de uma Nação.

Em relação aos conceitos de escritores de outrora, ao manter um contato profícuo com eles, o que se pretende, na verdade, é trazer à tona os discursos religiosos afros, que não são mais encontrados à venda nas prateleiras das livrarias. Vale ressaltar que construídos a partir deste olhar, se certos ou errados, são arquivos e foram construídos em seu tempo, de acordo com os acontecimentos da época e que podem estar sujeitos a novas ressignificações, dentro de outros universos de saberes.

O que se busca, com afinco, é um leque de aberturas para transformar os discursos religiosos em pedagógicos³, de modo que perpassem os discursos de intolerância religiosa advinda de comunidades preconceituosas, nos arredores da escola, a Lei 10.639/2003⁴, também, contribui com isso. Comentar acerca da religiosidade africana, principalmente, Exu,

³ Esse discurso é chamado por Eni Puccinelli Orlandi (2011) por “discurso autoritário”, no sentido em que se diz “isto é uma ordem” (p.17)

⁴ **LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003**- Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>. Acessado em: 08 de julho de 2014.



renderia por si só, diversos conceitos remotos e atuais. Além do mais, à medida que cada interessado no tema, produzir ainda mais a sua defesa, nessa desconstrução de visão demoníaca, certamente, haverá uma transformação advinda pelo cunho acadêmico, que reforçará esse discurso. Para somar ainda mais, o preconceito oriundo dentro da religiosidade por quem não tem o devido conhecimento desse deus, possibilitará, também, a exclusão dessa alcunha negativa que assombra, nos meandros dos terreiros de Umbanda e de Candomblé.

O Arquivo

Dentro de todo esse contexto apresentado, retoma-se o conceito de Arquivo, a partir do significado de Jaques Derrida, em “Mal de Arquivo – Uma Impressão Freudiana”, quando diz que “O vocábulo “arquivo” remete ao grego *arkhé*, que designa ao mesmo tempo o *começo* e o *comando*. Este nome coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio da Natureza ou da história, *ali onde* as coisas *começam* - [...] (grifos do autor) (DERRIDA, 2001, p. 11)”. Em sua obra, escrita em 1995, Derrida estabelece conexões capazes de produzir um novo conceito para os pensamentos filosóficos, amparando as noções atuais de questões, que foram mal colocadas, no passado. O autor propõe o retorno à origem, à busca de explicação e ao entendimento de um passado. Nela, encontra-se a ideia de que todo Arquivo deixa marcas, preservação de memórias, retratos do viver de uma sociedade numa época determinada, o armazenamento de ideias de um tempo, cronologicamente, marcado.

Em referência ao vocábulo “Mal”, o estudioso diz ser necessário para mantermos um enlace de registros na história. Alerta da necessidade do registro de quase tudo, sem perda. Entretanto, a censura e a repressão sempre trabalharam para destruir o Arquivo, antes de apresentá-lo. Dentre muitos fatores que contribuem para essa estratégia, ressaltam-se a amnésia, a falta de interesse por pesquisadores, dentre outros aspectos, devido à erradicação de restos preconceituosos do passado ou até mesmo à falta de entendimento de uma ideologia que se sustentava como certa nesse passado, em relação à documentação escrita. Na verdade, tratam-se de conhecimentos produzidos num momento da escrita de um discurso. Todo arquivo, diz Derrida, é o mesmo tempo instituidor e conservador, revolucionário e tradicional. O autor defende e convida a pensar que todo arquivo tem força de lei, que pode ser representado por uma casa (*oikos*), família ou instituição.

Ainda, seguindo os pensamentos de Derrida, quando se tem uma definição de lugar para arquivo, aquele que guarda documentos, histórias de vida particular e acadêmica,



remonta-se, nestes escritos, a Arthur Ramos. Percebe-se, então, que a memória desses documentos solapou muitos conceitos errôneos e certos, acerca do negro e de sua religiosidade. Através dela, dessas origens de bagagem intelectual de um passado, se bem pesquisada no presente, pode-se defrontar com muitos conceitos, que passaram despercebidos pelos olhos leitores em certa ocasião de um passado, não tão distante assim.

No caso do arquivo de Arthur Ramos⁵, depois de estar estagnado por uma vida inteira num local residencial, foi doado por sua esposa, à Biblioteca Nacional. Como outros arquivos, ilustra toda a vida intelectual e pessoal do autor, e que serve para recuperar o grande esforço desse pesquisador, imbuído na causa da compreensão da cultura negra e dos problemas enfrentados pelos brasileiros, num certo período da história do Brasil. A partir disso, o contato com as obras e as anotações desse intelectual, produzidas por ele, e por seus auxiliares, recupera uma melhor compreensão da História das Ciências Sociais do Brasil. Por essa via epistemológica, é que se observam os conhecimentos críticos produzidos sobre a realidade nacional do Brasil da época referida.

Segundo Maria José Campos, 2003, em seus estudos de dissertação, que se transformaram na obra “Arthur Ramos – Luz e Sombra na Antropologia Brasileira”, talvez, a única publicada, chama a atenção à necessidade de mais pesquisas acerca desse escritor, enfatiza que,

[...]exigiria o desenvolvimento mais exaustivo tanto de outras dimensões de sua obra como o de seu desempenho profissional, [...]. Até então, as referências existentes sobre Ramos não alcançaram a densidade suficiente para a compreensão de sua trajetória e da gama de intenções que seus textos sugerem (CAMPOS, 2003, p.25).

Como se observa, os escritos de memória de Ramos têm muito a contribuir e essa autora aborda, com destreza, em sua plenitude, o discurso da fantasmagórica democracia social brasileira, que se camufla, até nos dias atuais, na sociedade brasileira. Através da leitura de Campos, observa-se que naquele contexto social, as relações raciais eram de total harmonia. Nesse sentido, vale um aparte de Foucault (2012) quando chama atenção à existência de um processo de eternização, quando diz que não há como se pensar numa escrita estática, feita pelo dono do texto, porque a cada reescrito vê-se a renovação da ideia, a intenção de se mostrar aquilo que sempre escapa à ideia da escrita primeva. A partir disto,

⁵Arthur Ramos, também médico de formação e proclamando-se discípulo e continuador do que denomina a "Escola Nina Rodrigues", iniciou a publicação de seus principais livros sobre o tema. O negro brasileiro (revisto e ampliado em 1940) surge neste contexto sendo o primeiro volume de uma série que compreende O folclore negro do Brasil (1935), As culturas negras no novo mundo (1937) e a Aculturação negra no Brasil (1942).



Foucault ressalta a "crítica do documento", a sua legitimidade, se são sinceros ou falsificadores, bem informados ou ignorantes, o que esses documentos queriam dizer. Percebe-se, então, que esses escritores não escreviam sozinhos, contavam sempre com a ajuda de outros pesquisadores que saíam a campo e vivenciavam muito mais o que era registrado. Ao informante, cabia toda a descrição a que assistia. A exemplo disso, eis um fragmento de uma pesquisa feita pela informante Zilah, de Arthur Ramos⁶.

“3ª pesquisa, abril, 1942, 21 – inf. Zilah

RUA ANTONIO REGO 786. GENTE PRETA. Olaria. Trabalha com o africano Joaquim (recebe Pai Joaquim Miranda (!)) não cobra nada.

Rua Jorge Rudge. Vila Isabel. Centro - Redentor. Linha Branca. Tem filial em Correias. Linha Auxiliar.

Em Correias (linha Auxiliar) há muitas macumbas, grande quantidade. São Diogo (linha Auxiliar) também, assim como Caxias, São Mateus. São João de Merity.

D. Virginia/falecida) quem está no lugar dela é o filho. TODOS OS SÁBADOS À NOITE INTEIRA. NOS LOGARES ACIMA REALIZAM-SE NO MESMO DIA. SÃO LICENCIADOS PELA POLÍCIA. PAGAM MAIS OU MENOS 100\$ a polícia explora muito.

(D. Maria r. Bento do Amaral 85. Espírita Branca. Linha de Umbanda.

(Tenda da Verdade. Dr. Francisco Santana. Edifício Rex. Engenho de Dentro, rua Henrique Said 124. Branco com. 3ªs, 5ªs e sab. Médico médium receitista linha branca. Pior que macumbeiro. Ex de receita do Dr. Santana: luitoco para a febre 3 ao dia carquejo para a febre 3 ao dia alternando.

“Dr. Santana toca os 7 instrumentos” diz Zilah, receita conforme a aparência da pessoa. Se vai bem vestida receita de farmácia, si é pobre receita de hervanario, etc

(rua da Abolição 440. Preta. D. Maria (vide pesquisa do dia 30.04.42 pg 2) recebe a vovó camaradinha. Perigosa, ignorante, explora e faz partos. Macumba. (BIBLIOGRAFIA - AUTOR: RAMOS, ARTHUR -TÍTULO: Macumba: plano de pesquisa, anotações e informações coletadas sobre o assunto. Rio de janeiro 1942- 1945- T 38,2,26)”.
O trecho aqui apresentado, retirado de forma integral dos manuscritos de Zilah, não tem a intenção, ainda, de se aprofundar na bibliografia de Arthur Ramos e sim, ratificar a importância desse escritor no contexto religioso afro-brasileiro, como também, ilustrar a importância de Arquivo, através de manuscritos, feitos por seus pesquisadores. Com essas anotações, feitas em folhas de caderno, observa-se a importância dada aos terreiros de Umbanda do Rio de Janeiro, principalmente as suas localizações. Sendo assim, o que se percebe, e que caberia mais pesquisa, acerca de uma herança familiar ligada à religiosidade de Umbanda, se há ou não uma continuidade da família ao culto dos Orixás. Vale notar, nas

⁶ Pesquisa feita por mim, no dia 16 de março de 2009, na Biblioteca Nacional. Através dos rascunhos de Arthur Ramos



observações pesquisadas, a relevância de saber a cor da pele, a cobrança dos trabalhos de magia, como também as ervas utilizadas em tratamentos, a perseguição incansável da polícia aos cultos afros brasileiros.

Assiste-se, a partir das anotações, à exposição da ritualística da religiosidade afro-brasileira, como também o grande interesse do médico Arthur Ramos, em relação ao tratamento profilático com uso de ervas, por ter sido ele, um grande médico. Esses arquivos, ainda por serem pesquisados com afinco, trazem um grande panorama da sociedade do Rio de Janeiro, e estão lá, na Biblioteca Nacional, prontos por serem vistos por outros pesquisadores. Trata-se, portanto, de um despertar ao aprofundamento das vozes inseridas, em documentos de um passado e a transformação deles, com olhares do presente, adormecidos, à espera de curiosos. No bojo dessa discussão, retoma-se Foucault quando enfatiza que,

[...] reconstituir, a partir do que dizem esses documentos - às vezes com meias palavras -, o passado de onde emanam e que se dilui, agora, bem distante deles; o documento sempre era tratado como a linguagem de uma voz agora reduzida ao silêncio: seu rastro frágil mas, por sorte, decifrável (FOULCAULT, 2012, p.7).

Na verdade, infelizmente, hoje, observa-se o pouco número de adeptos ligados à religiosidade afro, talvez até, devido a um modo peculiar do passado em administrar as magias dessa crença. A partir disto, nota-se que alguns hábitos que foram colocados na pesquisa de Zilah, ainda perduram. Vale dizer que, esses documentos silenciados, não estão mais em seu local de origem, mas num lugar à espera de outros observadores. Esses arquivos podem contemplar análises de ideias e de saberes, com a devida atenção às diferenças e às grandes transformações da religião e da sociedade, desde o tempo marcado pelas pesquisas de Ramos.

Somando a isso, perpassa-se, sorratamente, ao conceito de língua, o que sustenta o discurso do arquivo. Dentro desse enfoque, os sujeitos entrelaçam-se numa linguagem, numa teia de sempre mostrar o que não foi visto, num embrenhado de dizeres, que não foram ditos ou até mesmo camuflados, através de outras ideias que se apontam. Neste contexto de conceituação, percebe-se que esses arquivos analisados no presente, machucam, ferem o brio de um religioso da cultura africana. Devido a esses sentimentos, infere-se que a língua, o social e o histórico caminham, ao mesmo tempo. Consequentemente, os homens têm a capacidade de transformá-la, e através dela, pode-se resgatar a sua historicidade, assim como sua função na sociedade, e transformar os discursos errôneos, mas que se pretendiam certos



(ORLANDI, 2011, p.99). Despontam, então, duas importâncias, a do Arquivo e dos códigos que o compõem.

Dadas estas características, retoma-se mais uma vez o filósofo Michel Foucault. Convém salientar que, segundo esse autor, a História é considerada uma disciplina louvável quando se refere a documentos, porém não mais tem a imagem de memória de um passado. Além do mais, não é vista como depósito de lembranças do passado, que somente continha material, e que tinha a obrigação de transformá-lo apenas em documentos. Ela, a História, é mais que isso. Sua primordial função não é mais decifrar para autenticar a sua veracidade, mas descrever relações com outras formas de conhecimentos. Para tanto, não “memoriza” e sim transforma os registros em “monumentos” (grifos do autor) que têm a função de decifrar os rastros feitos pelo homem. Ainda, acrescenta o autor, que a Arqueologia, considerada como disciplina dos monumentos mudos e dos rastros não mexíveis, só se valida pelo registro histórico. Entretanto, percebe-se a retomada da História para esta disciplina, com a finalidade de uma descrição intrínseca do monumento, o que facilita os estudos de restos de memória (FOUCAULT, 2012, p.8).

Por outro lado, Derrida chama de "violência arquivar", a vontade de não se mudar a História. Talvez, esse enclausuramento possa não ser o indicado, mas se espera um novo porvir, uma nova transformação dos rastros deixados por estes Arquivos. É a partir destas relações, que se menciona a possibilidade de se assistir às histórias vivenciadas por Arthur Ramos, e inferir que se podem transformá-las em outras histórias. Essas narrativas de época são transformadas a cada leitura feitas por pesquisadores. Se o interesse for estudos acerca somente do negro e do seu papel na sociedade, eles podem ser feitos por esse ângulo, caso o objeto seja pelo princípio religioso, pode ser visto de outro modo, tudo se encontra numa só teia de escritos. Partindo desse entendimento textual, percebe-se que um documento de Arquivo pode trazer à atualidade, diversos pontos de vista, dependendo da direção, do tema estudado nele. Discursivamente, entende-se que vários assuntos são sugeridos em uma só pesquisa, pois os rastros deixados pelo autor dão essa oportunidade. No bojo desta teoria, que é pela religiosidade, tem-se a ideia de como eram os rituais, as magias, a prática do curandeiro, uma série de pormenores escritos, como também de imagens, deixadas nestes arquivos.

Nesse joguete de autores relacionados ao conceito de Arquivo, postula-se a proposta de Jacques Derrida (2001) quando conceitua Arquivo. Ele escreve de modo a entender que



não se refere a um passado, um "conceito arquivável", porém se trata de uma questão para responder a indagações de um futuro (DERRIDA, 2001, p.50). Se quiser entender ou supor saber, realmente, a intenção de Ramos ao pesquisar o negro, só acontecerá, através de muitos estudos num tempo futuro. Esta nova história, centrada no entendimento da busca ao passado, busca uma sobremaneira de "Uma messianidade espectral atravessa o conceito de arquivo e o liga, como a religião, como a história, como a própria ciência, a uma experiência muito singular da promessa (DERRIDA,2001, p.50)". Para tanto, sabe-se que o tempo para a pesquisa a ser feita é indeterminável, pois a Arquivo dá esta dimensão.

Retomando Ramos, em relação ao quantitativo bibliográfico doado por sua esposa à Biblioteca Nacional, ressalta-se, mais uma vez, que são quase 5000 escritos. Neles, destacam-se os discursos da religiosidade do negro, os de um médico sanitarista, os discursos de um pesquisador que pretendeu se expressar, com toda objetividade. Como foi enfatizado, anteriormente, Ramos era precursor de Nina Rodrigues, imagina-se, então, que algumas de suas pesquisas surgiram, a partir de outros arquivos velhos. O que se pretende frisar é que Ramos fez uso desses objetos para novas interpretações. Contudo, o que se cogita, pela falta de interesse de pesquisadores ligados ao tema do negro, é que esses arquivos de memória feitos por Nina, não foram assim tão renovados por Ramos. É preciso que se esclareça que o assunto abordado neste contexto é o religioso.

Por conseguinte, apesar de mortos, os mestres e os seus arquivos são sustentados, com seus traços incompletos. Vale salientar que esses teóricos não colocam um pesquisador em uma posição confortável, na fonte religiosa afro, frente a alguns de seus comentários acerca do sagrado africano. Porém, serve-se da visão para o entendimento do cotidiano do negro, a compreensão de traços escondidos que podem ser encontrados na polissemia de outros discursos, onde os sentidos de arquivo sempre estão prontos a emergir. O fato é que o arquivo proporciona isso, o aparecimento de novos dados, o silêncio, que estava engavetado em pastas, em armários ou em gavetas, aquilo que deveria ser dito e não foi, uma multiplicidade de vozes num só discurso.

Memória da religiosidade africana, contemporaneidade, pede passagem na educação

Emergindo, nesse momento, num contexto da religiosidade afro-brasileira, e voltando-se à linha de pensamento de leituras ligadas à cultura religiosa no contexto africano, dentro das escolas, introduz-se a obra "Desde que o samba é samba", de Paulo Lins (2012). Trata-se



de uma trama fictícia baseada no estilo de vida de um grupo que mora no Estácio e arredores, na década de 20, tecendo problemas do cotidiano, tais como prostituição, musicalidade e religiosidade.

Acenando para autores contemporâneos ligados à cultura, que traz sempre em seu bojo a religião e a música, esse autor retrata, em demasia, o enfoque cultural da participação do negro no cotidiano da sociedade brasileira. Indícios disso podem ser observados em sua faceta mais depravada, sórdida e decadente quando retrata esse espaço, como uma cidade africanizada constituída de uma população pluriétnica com ciganos, judeus, europeus dentre outros. Para tanto, há de se considerar que embora se trate de uma narrativa fictícia, ilustra, com perfeição, imagens de um Rio de Janeiro, numa época em que o negro tinha destaque, e com ele, a sua religiosidade, com a qual essa obra dialoga intensamente.

Pontua-se, novamente, o autor da ficção sobre a origem do samba, que relata essa hibridez e uma necessidade de desafricanização, ressaltada com a ideologia do branqueamento. No tempo da narrativa, pensar em progresso e modernidade é estar sustentado nessa limpeza étnica e Lins ilustra isso muito bem. Observa-se, na trama traçada pelo escritor, intensos conflitos com paixões exacerbadas e a inserção da religiosidade africana, junta ao sincretismo católico. É importante salientar a importância dessa obra quando se assumi um caráter especial, oferecendo elementos imagéticos, com personagens inseridos num tempo cristalizado que reconta a boemia, a prostituição dos espaços urbanos do Estácio, da Cidade Nova e dos arredores do centro do Rio de Janeiro.

Nessa ênfase cultural dada na leitura de Lins, ao mesmo tempo em que traz a sua memória e a de outros escritores nesse enredo, anuncia uma construção histórica e uma suspensão do tempo da cidade do Rio de Janeiro da época. Dentro dessa perspectiva, a discussão da diversidade religiosa é um grande referencial do autor, pois a apresenta, numa total simplicidade, um imaginário do sagrado, com a simples intenção de romper os preconceitos da época, o mesmo que se perdura na atualidade. Em termos mais práticos, o autor traz à tona a memória da religiosidade de Umbanda, a qual só é conhecida, em profundidade, por seus adeptos. O enredo é cercado de conceitos denotativos extraídos do discurso religioso africano e que se mesclam à narrativa ficcional da obra. Para o escritor, “é essa religião nova a que a gente vem dando corpo e que você tá vendo aí. Ela mistura tudo, tem santo do Oriente, tem santo da Igreja Católica, tem orixá do Candomblé, espírito de índio,



de exu, de criança, de malandro, pombagira, cigano, marinheiro, vovó e vovô (LINS, 2012, p.38).”

Para dar mais visibilidade ao enredo, Paulo Lins não só interpreta essa religiosidade, como busca a história de Zélio Fernandino de Moraes como fundador da Umbanda em 1908, que na visão e no conhecimento de alguns autores religiosos, é verdadeira. Ele narra, através de cinco longas páginas e conta, exatamente, como ela é narrada nos livros religiosos. Essa literatura religiosa não deixa de ser uma história questionada, pois muitos estudiosos da religião, que não estão de acordo com o dito, não aceitam essa origem e cogitam que a Umbanda foi fundada antes mesmo de Zélio, que sua origem foi nos tempos imemoriais.

Entretanto, esses enredos pertencem à religiosidade, e o autor da Origem do Samba abusa desse jogo de ficção e realidade. Por esse viés de conhecimento de uma religião genuinamente brasileira, comprova que a Umbanda carrega os deuses mitológicos africanos e pode, um dia, ser inserida num contexto narrativo atual, e com isso, adentrar os espaços educacionais. Para tanto, nesse sentido, carrega um conceito de cultura, quando não se pensa na religiosidade (LINS, 2012, p.38-43). Da mesma forma, exagera com termos e expressões marginais, o que talvez, cause alguns desembaraços para esse público específico, mas se trata também de uma literatura que esbanja o uso do coloquialismo, talvez até, uma literatura marginal.

Continuando nessa vertente religiosa, que orbita quase todo o universo dessa obra, nota-se que o escritor dá conta, muito bem, de inserir o leitor num contexto religioso afro. A exemplo, a partir do momento em que traça um monólogo com Senhor Tranca Ruas e Maria Padilha e o protagonista da narrativa. Percebe-se a transgressão e os desdobramentos desses atos, quando retrata as divindades não apenas como uma forma humanizada, mas como suporte psicológico para tomada de ações na vida cotidiana do protagonista com Valdirene, a personagem polêmica da obra. Através disso, dá lhes vida e mostram-nas como portadoras de defeitos e inquietações, tais como os seres humanos, quando diz que “Seu Tranca-Rua da Calunga Grande lhe dissera que, se cumprisse a sua recomendação, sua vida caminharia no rumo que ele sempre quis: arrumaria um emprego, seus sambas seriam comprovados e moraria no mesmo cazuá que a mulher que lhe dava prazer de verdade [...] (LINS, p.12, 2012).”

Dentro dessa fantasia para alguns e realidade para os religiosos, do que acontece nos terreiros de Umbanda, os personagens místicos são apresentados como psicólogos, os Exus da



Umbanda, incorporados⁷, em seus médiuns. Abrem-se parênteses para explicar que Exus do candomblé, não são os mesmos na Umbanda. Nesta religião, são espíritos que tiveram vida terrena, cumprem o seu papel de aconselhador e atuam em seus solos físicos sagrados, para dar conselhos a quem os procuram, no caso, os consulentes de Umbanda. Para tanta artimanha, são lhes dados poderes de adivinhação, de abertura de caminhos e cura, conseqüentemente, esses desencarnados encaminham as pessoas que os procuram. Entretanto, os conselhos devem ser acatados, é como se fossem ordens, que os adeptos da religiosidade costumam seguir à risca. Na concepção do autor, “Devia ter ido direto para casa comemorar com a esposa o êxito no trabalho. Seu Tranca-Rua tinha lhe dito para não ficar plantado em botequim, onde surgem as energias negativas de espíritos obsessores. E agora? O projeto de ser feliz para sempre se acabara antes mesmo de tomar fôlego (LINS, 2012, p.75).”

Diante dessas perplexidades de realidade religiosa umbandista, de prostituição, de vantagens e outras virtudes mais, o autor vai delineando a sua história, e com ela, insere os aspectos da cultura africana. Num outro contexto, o estudioso não se esquece de trazer a musicalidade dos atabaques dos terreiros. Construídos a partir desses olhares, percebe-se que o campo em que esse ambiente de troca se estabelece é o da cultura.

Por essas vias de entrosamento de Entidades de Umbanda, novos posicionamentos são percebidos, a ficção e a religião são os motivos dos conflitos dos personagens dessa história. No que se refere aos Guias de Umbanda, consulta-se, negocia-se e conversa sobre a vida de quem lhes pede conselhos, diferentemente, da religiosidade do Candomblé.

Orixá, espírito desencarnado, personagem dos contos de África, transmutação do panteão religioso em mito africano, na Educação?

Percebe-se, então, que as culturas de matrizes africanas não devem ser colocadas, à parte de sua religiosidade. Assim, diante dessas confissões religiosas na ficção de Paulo Lins, é que se inserem os deuses do panteão africano, principalmente os exus. É a partir dessas relações, que esses orixás deuses pinçaram na cultura, mantivessem-se vivos até os dias atuais, nos templos e terreiros. Esse autor constrói um retrato religioso, inserido no cultural, o ler a vida da Umbanda e de seus deuses e entidades, através de sua obra.

Retornando à proposta deste trabalho, repassa-se o que já foi dito até o momento, nesse joguete de Leis, literatura, racismo, cultura, samba trazendo para a religiosidade, para

⁷ Incorporação – transe mediúnico, ação que acontece nos terreiros de Umbanda e candomblé quando se tem a presença de desencarnados no corpo físico de um aparelho mediúnico.



finalmente se chegar a Exu, o foco principal desses escritos. Neste momento, buscam-se ojerizas e preconceitos, nas narrativas com esse panteão religioso africano que se estabeleceu num modelo comparativo da figura de demônio, dado pelo europeu nos solos brasileiros. Seja ele Orixá, espírito desencarnado, deus, personagem dos contos de África, o que se percebe é a transmutação do panteão religioso, em mito africano nos enredos permitidos pelas legislações educacionais presentes, através de obras de autores atuais. Vale lembrar que uma vez que as outras mitologias já foram apresentadas aos leitores brasileiros, o Livro Lendas de Exu, obra voltada aos estudiosos infanto-juvenis além de outros têm muito a acrescentar.

“Uma mitologia que nada fica a dever às demais em matéria de encanto e originalidade. Apesar disso, um fato claramente observável é o de que os deuses africanos continuam a estar em segundo plano na preferência dos aficionados pela mitologia, como se fossem deuses menores ou de pouca importância. (Basta observar, p. ex., os manuais de RPG – jogo virtual caracterizado pela apropriação maciça de elementos ficcionais oriundos da mitologia universal -, para verificarmos a quase total ausência dos deuses negros no panteão das divindades consideradas dignas de tomarem parte nos seus *rocamboles* interativos.). Mas, afinal, o que acontece para que um deus audaz como Xangô, uma deusa sedutora como Iansã, ou um deus ladino como Exu (verdadeiro “mano Black” do Hermes grego e do Loki escandinavo) não mereçam dos entusiastas da mitologia o mesmo apreço que costumavam votar a Zeus, Thor ou Isis? (FRANCHINI, p.7, 2011)”.

Diante dessa defesa aos deuses de África, o propósito dessa mitologia nas escolas poderá suprir essa demanda a que se refere o autor, nos jogos virtuais. Esta revelação corrobora ainda mais para se fazer conhecer esses deuses mitológicos africanos, e é, através da Educação, que se pode implementar essa cultura, defendida pela Lei 10.639/2003. Dentro do contexto do fragmento acima, pode-se concluir que Loki é branco e “o mano” é preto, Thor é branco e Xangô é negro, Isis é branca e Iansã é negra, assim como enfatizou Stela Guedes Caputo (2012) acerca de Exu⁸. Assiste-se, então, ao jogo da antítese branca e negra, marcado pelo discurso religioso e mitológico. Observa-se, com isso, a rejeição da cultura a que pertence o negro, seja por desconhecimento, seja por preconceito. Ainda dentro deste contexto, questiona-se qual o motivo de tanta rejeição a Exu.

Os arquivos raros de memória de Exu

Considerou-se até o momento abordagens feitas acerca de um autor contemporâneo, relacionado à cultura e, principalmente, à religiosidade africana. Retomam-se, agora, os

⁸Educação nos Terreiros, p.246



arquivos de escritos ligados a esses discursos. Parte-se, então, de Exu, o protagonista desta pesquisa e postula-se de onde vem toda essa ojeriza, e essa demonização. Será somente das religiosidades que o atacam ou da falta de esclarecimentos acerca dele? Algumas questões se colocam nesse momento, e há de se recorrer ao passado, aos arquivos, à memória desse panteão. Há de se lembrar o que escreviam os antigos religiosos da Umbanda, escritos raríssimos, atualmente, que, às vezes, só se encontram adormecidos em prateleiras de sebos.

No seio dessas vertentes, mais uma vez, Michel Foucault (2012) quando ressalta a importância de reconstrução desses antigos documentos. É importante mencionar que adentrar no mundo foucaultiano é descobrir a existência de um campo de memória, seja pela oralidade ou escrita, e que se traduz em uma riqueza de pormenores. Na verdade, o intuito de se observar as obras consultadas é que as mesmas estão abertas à repetição, à transformação dos que buscam trazer para a escrita atual, os enunciados antigos, com intuito de reativá-los, de modo a se buscar motivos, inserir-lhes outros conceitos (FOUCAULT, 2012, p.35-82). Para se dá início a outras reflexões, basta lembrar que o autor insiste em dizer que os discursos estão prontos a serem desconstruídos por outros discursos afins, “aberta à possibilidade de uma evolução”. Neste caso, o arquivo traz uma produção de sentido, uma reinterpretação sob as condições de produção de uma época. Visto por esse prisma, a sociedade vê no arquivo, a real informação que está ligada ao aspecto histórico, um arsenal de cultura que remonta a um enredo do passado de um povo, facilitando o acesso à informação, e do que for preciso. Portanto, arquivo é a memória de um povo e que está pronto para ser consultado e questionado, através de encadeamentos argumentativos de conceitos vindouros.

Reforçando a sua importância, o arquivo traz o dito de um passado com sua multiplicidade de sentidos que se renovam. Através de outros conceitos, são sinagogas do passado, tanto lembram os escritores de sucesso quanto os rejeitados, como também, os conceitos certos e errados, sob o limiar da atualidade, em que se pesquisa um objeto. No processo investigativo do pesquisador, cumpre-se trazer nesse tempo e no espaço acadêmico, uma nova trajetória de conhecimento. Na verdade, um estudioso deve ser considerado como usuário de uma informação do passado, de livros, nos quais podem ou não serem atualizados, para que sejam vistos sob outro prisma, com o intuito de resgate do preconceito, do errado, do que sofreu demanda por não ter sido bem entendido.

Por essas vias, percebe-se a importância do arquivo na investigação histórica da alcunha demoníaca dada a Exu, retoma-se o porquê dele não adentrar os espaços escolares e



recorre-se à explicação dos erros do passado, dando oportunidades para justificativas desses conceitos errôneos e trazendo à luz novos conceitos. Por esses meandros, postula-se que os escritos preconceituosos dados a esse Orixá, não vem de fora, e sim de autores da própria religião. Na tentativa de ratificar o assunto, observa-se o que o autor umbandista Antônio Alves Teixeira diz, em 1957.

Exu – Orixá, o Homem das Encruzilhadas; espírito mau, assimilado ao Demônio. O mesmo que Bará, Elegbará, Rei do Mal e Senhor Lêba. Apesar de se o considerar como tal, não é mais do que a consequência do seu antagonico – o Bem. Sem êle, na verdade, talvez muitas criaturas humanas (espíritos incarnados) não se melhorassem. Nada existe sem que haja, para tanto, uma forte e indispensável razão. (NETO, 1957, p.108)

Partindo dessa perspectiva, na história dos Orixás existem valores éticos que revelam o penar entre o bem e o mal. Para tanto, mune-se de tal percepção, através desses escritos, e percebe-se que o sincretismo influenciava também os adeptos do afro, que denominavam a sua própria religião, de culto “fetichista” (grifo do autor). Quando se refere a Exu, diz que ele não é mal, mas isso era uma consequência de ser antagonico com o bem. Em meio a algumas vivências atuais dos adeptos de religiosidade africana, ainda se perduram alguns resquícios do passado, infelizmente, e tudo de ruim é atribuído a Exu. Vale ressaltar outra grande preocupação no espaço religioso, e que esta revelação coloca-se diante de próprios autores pertencentes à religiosidade. Era exatamente assim, a visão demoníaca dada a Exu. Entretanto, felizmente, esse tipo de descrição dada a ele, está bem longe do presente, e agora, só se perdura em alguns arquivos, pois a nova concepção umbandista, com sacerdotes ligados ao conhecimento acadêmico e exímios estudiosos da religiosidade afro, vêm modificando essa visão estereotipada, dentro de seus próprios espaços religiosos ou em seus escritos.

Adentrando nesse mundo do bem e do mal, chega-se ao da tragédia. Atente-se ao escrito de Paulo de Deus, quando relata em sua obra, as “perseguições provocadas pelos exus e que tiveram sua origem numa brincadeira ou falta de respeito para com eles, [...] (DEUS, 1957, p.69)”. Na estruturação desse enredo, o autor revela muitos casos que tiveram vítimas acidentadas porque ofendeu Exu. Nesse contexto, o autor exemplifica usando um acidente acontecido na Praça Paris, com dois rapazes mais ou menos da mesma idade, quando chutou uma oferenda dedicada a Exu.

O que se observa é que, em muitos lugares sacros afros, essas tragédias atribuídas a Exu perduravam. Percorre-se agora, para bem longe, para fora do país, através de uma escritora americana que veio ao Brasil para realizar pesquisas sobre o negro. Nesse percurso



desviante exuniônico, adentremos no espaço religioso cobiçado, academicamente, pela escritora Dr^aRuth Landes, acompanhada pelo Dr. Edison Carneiro, nos meados de 1937-39, quando esteve em pesquisa antropológica de campo na Bahia e no Rio de Janeiro, apoiada pelo Conselho de Pesquisas em Ciências Sociais da Universidade de Colômbia.

Na verdade, sua pesquisa estava ancorada na vivência das mulheres negras dos terreiros de candomblé. Na tentativa de trazer à luz a função dessas sacerdotisas e adeptas ao culto, o seu tutor acompanhante, Edison Carneiro, apresentou-lhe Exu, durante uma de suas visitas a um terreiro na Bahia. Em diálogo com o estudioso que a acompanhava, conheceu, pela primeira vez, o modo como se trata Exu no candomblé,

“Ele consultou o relógio e me disse:

- Já são quase cinco horas e vai ter começo uma cerimônia especial, chamada *padê*. É para despachar o diabo para as estradas, é para afastá-lo do caminho dos deuses esta noite! O diabo se chama exu – uma espécie de demônio muito engraçado, que até parece um parente. A cerimônia é curiosa. Entremos para assisti-la. [...] Atrás da porta havia uma gaiola grande contendo uma massa de ferro, e aquilo era Exu, que não deve estar na sala ao mesmo tempo que os deuses (LANDES, 1967, p.50-51).”

Para um conhecedor do culto, ficaria mais fácil decifrar o ocorrido, do que aqueles que estavam vivenciando o momento da narrativa. Dentro dessa perspectiva religiosa, uma cerimônia dada a Exu, é vista sob múltiplos aspectos, ora para acalmá-lo, ora para satisfazê-lo, ora para dar-lhe obediência, como também para hierarquizá-lo, a um patamar maior referente aos deuses. Isso ocorre para que Exu tenha quase o mesmo privilégio que os outros deuses do panteão. Problematisa-se que o sincretismo influenciava também os adeptos do culto “fetichista”, ele não é mal, mas como dito, isso era uma consequência de ser antagônico com o bem.

Retoma-se o vocábulo, *padê*, de Édison Carneiro, de fato, *Ipadê*, nome dado à oferenda constituída de farofa, dendê e outros paramentos, que é ofertada antes de qualquer cerimônia no terreiro de candomblé ou de algumas Umbandas mescladas com outras Nações Africanas. Na concepção de um entendedor do culto, não é para mandar exu para outro lado, afastá-lo dos caminhos dos deuses, pois são estes que colocam Exu mais perto da Orbi terrestre. Na religiosidade de candomblé, os Orixás, são superiores e muito densos para se manifestarem num templo religioso, através do ser humano, então, enviam o seu mensageiro, Exu, através dos jogos de búzios e quando os médiuns estão incorporados, trazem as



mensagens dos deuses, através dos erês, espíritos de criança. Por essas vias, oferta-se o *Ipadê* a Exu, para que proteja um ritual ou converse sobre a vida de quem procura a arte divinatória.

Voltando à linha de pensamento de Carneiro, retoma-se a expressão “é para despachar o diabo” que só poderia ser dita, por quem não estava envolvido dentro da comunidade religiosa, ou para corroborar que os próprios crentes dessa religiosidade tratavam Exu desse jeito, no passado. Atesta-se, hoje, que são poucos os adeptos do candomblé e da Umbanda que consideravam Exu, desse modo.

Adentrando ainda mais nesta memória, que pode ser conceituada pelos preconceitos a Exu, retoma-se a outro fragmento do passado, o tratamento íntimo dado pelo autor, a Exu: “parente”, o que se faz alusão à nomenclatura dada pela Umbanda, a exus e pombagiras: compadres e comadres, que se perdura até hoje.

Visto por esse viés, o Arquivo perpassa por alguns equívocos de certos autores que construíram paradigmas discursivos religiosos, que derão chances à reconstrução de conceitos. Traduzindo toda essa amplitude, retorna-se ao estudioso Michel Foucault, quando relata sobre “a busca de significações ocultas, da análise do erro (FOUCAULT, 2012, p.68)”. Esse autor expõe um fato importante em relação a uma pesquisa, a importância do “sujeito falante” estar envolvido no contexto, vivenciando o objeto, a partir do campo de estudo, para estar imbuído no que fala e no que escreve, ele deve estar vivenciando o objeto, de modo que se profira o discurso com status de direito [...]” (FOUCAULT, 2012, p.61-62)”.

Religiosidade e cultura

Na formação cultural brasileira, fé caminha com a religiosidade e são traços fortes da cultura negra, branca e indígena, em nossos dias. No entendimento desses estudos, os orixás, deuses iorubanos, chegaram ao Brasil como deuses e divindades que tinham uma participação efetiva na vida do cativo. A partir disto, insere-se que havia um papel a desempenhar no contexto que surgiram. Para tanto, tiveram seus feitos reconhecidos por uma grande parcela de pessoas, que extrapolavam desde um nível social ao núcleo familiar, conseqüentemente, estavam imbuídos nos valores da sociedade.

Quando os orixás, aqui, se instalaram nos terreiros sacralizados na religiosidade afro-brasileira, percebeu-se que havia várias etnias africanas oriundas de várias nações. Portanto, não existe somente o sincretismo com a religiosidade católica, como também, os diversos modos de se cultivar a religiosidade dos deuses do continente africano. Para tanto, não existe



uma pureza africana porque existem várias Áfricas, vários povos que possuem cultos e rituais diferentes. Pode-se dizer que isso continua sendo um grande problema das religiões africanas, que à procura de uma padronização, acaba criando uma África fictícia deste continente. Na verdade, não existe, também, a necessidade de se legitimar o culto afro-brasileiro, em relação ao culto africano porque se tem fatos e acontecimentos originais, que não têm significados no continente africano, mas que aqui, têm. Desse modo, os rituais quando acontecem no continente africano, através de seus paramentos e músicas quando chegam aqui, ganham novas funções, novos ressignificados, porque cada país tem o seu jeito de viver a sua cultura original. Para tanto, não só adquirem outros elementos como também, são usados em situações diferentes.

Disso tudo decorre um novo princípio, o da diversidade, da pluralidade religiosa que nenhum momento está preocupado, com a finalização do que se pratica em um terreiro da religiosidade afro. Diante disso, levanta-se o famoso conceito da colcha de retalhos, que sempre foi explanada nos meios religiosos quando se pegam vários elementos cultuados para se formara religiosidade afro-brasileira e tudo passa a ser uma fácil explicação. Para muitos, essa não é a nova ideia, e parte-se, então, do conceito de bricolagem, uma vez que há a junção, não se guarda particularidades, resultam de uma ressignificação. A partir disto, infere-se que a religiosidade afro tem essa facilidade de adaptação constante e sempre tenta se modelar e se reestruturar, de acordo com o modo em que está inserida.

Considerações finais

A partir das assertivas expostas nestes estudos, pode-se entrever que o Brasil conserva, ainda, a herança religiosa africana, por causa dos terreiros de Umbanda e Candomblé, e com isso, a tentativa de se perdurar a cultura trazida da diáspora afro-brasileira.

É notável que compreender a trajetória dessa religiosidade por estudiosos do passado, porque emerge a causa do preconceito enraizado com os deuses de África. Para tanto, essas obras de autores antigos são como forma de arquivo, importantes para se tentar ultrapassar esses percalços demoníacos atribuídos a esse Orixá ou ser mitológico, como queiram denominar Exu. O mais notável, ainda, é ter registros de uma sociedade, e de um modo de viver de uma época, que ojerizou esse panteão ou não soube dar-lhe o devido valor cultural ou religioso. Segundo Jaques Derrida, “O arquivo sempre foi um *penhor* e, como todo penhor, um penhor do futuro” (DERRIDA,2001, p.31). Através disto, o arquivo fica a frente para o



futuro, para ser reavaliado, reescrito, retomado e modificado, pois através desses registros, analisar-se-á a história da sociedade, da religiosidade, e de outros campos do discurso, e com isso, dá base para outros surgimentos de outras comparações acadêmicas.

Pode-se entrever que essas obras são exemplos de lugares de memória e de espaço onde se constroem enredos. Para tanto, abusa-se da análise desses discursos que têm o intuito de trazer à tona, os pormenores ocultos no processo da escrita de um autor do passado. Nesse percurso, o que foi dito, fixado e permeado através do tempo e suas ligações do espaço, com o arquivo, pode ser ressignificado. Adentrar nesse mundo de pesquisa histórica dá a chance de obter outros argumentos, a desconstrução de outros paradigmas discursivos, trazidos, inclusive, pela compreensão dos mitos africanos que permitem o cruzamento harmônico da religiosidade e da literatura, com uma estrutura de linguagem que compõe o real, representado pela diversidade de deuses. Por esse viés, é factível dizer que o arquivo tem o poder de mudar a memória do panteão Exu, a sua definição e criação de novos olhares, de outras significações.

Sendo assim, urge o aceleração para a recuperação desse cognome demoníaco dado a Exu, que de jeito algum pode se encerrar nessa investigação e somente, através desses documentos. Na verdade, o trajeto requer muito mais percursos, pois além de alcançar os meios educacionais, que se cheguem aos meios religiosos africanos e principalmente, em outras crenças. Diante de outro contexto de renovação de ideias, solicita-se o respeito à crença do outro, que só pode ser alcançado, através do conhecimento e da desmistificação.

Cabe ainda esclarecer que o arquivo permite distintas discussões enunciadoras e algumas específicas, desde que se acompanhe o seu tempo. Partindo deste princípio, a cada consulta do arquivo, dependendo do momento em que se situa, existirá uma leva de variedades discursivas, redefinindo o dito. É a partir destas relações, que eles podem ou não estar interligados, através de uma transformação ao longo da história. No arquivo, tem-se a chance de atualizar significados, consequentemente, percebe-se que um enunciado se faz através de muitos outros, que sofrem sempre modificações.

Pontuam-se, novamente, os mitos, que, por sua vez, não deixam de ser arquivos, à medida que são salvos por ele. Diante disto, a memória, nesse contexto, torna-se objeto de estudo para ser analisada e dissecada. Ressaltam-se que os personagens mitológicos dão sentido à vida social, pois remontam aos primórdios da oralidade, que mesmo sem a escrita, não se deixou apagar os indícios de civilização do aparecimento da humanidade.



Construídos a partir desse olhar de arquivo, o princípio do Universo, de conflito dos deuses, essas referências do passado, de crenças, de simpatias, de poder e de medo estão inseridas na construção identitária de um povo, e são depósitos de possibilidades de resgate de valores sociais de uma nação, pois funcionam como vastos relatos produzidos, com a função de narrar, e perpetuar o dito que podem ser transformados em restos.

Finalizando de vez, Exu, um narrador personagem, que tem um traço peculiar de apresentação de uma identidade religiosa trazida pelos negros da diáspora, transforma-se em ficção no arquivo, pois comporta uma cultura e uma identidade, uma memória como fonte desses conceitos, o mitológico e o religioso. Portanto, retoma-se, aqui, um aspecto religioso, que não foi o propósito desse trabalho, mas que perpassa, sem querer, por ele, e finaliza esse discurso, temporariamente, com uma saudação do Rei, *Laroriê Exu!*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DERRIDA, Jacques, *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*, tradução Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- CAMPOS, Maria José. *Arthur Ramos: luz e sombra na antropologia brasileira: uma versão da democracia racial no Brasil nas décadas de 1930 e 1940*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.
- DEUS, Paulo de, *Kardecista e Umbandistas*, Rio de Janeiro, Editora Espiritualista, 1965.
- FLUSSER, Vilém. *A História do Diabo*. Revisão técnica de Gustavo Bernardo, 3a. Edição. São Paulo: Annablume, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FRANCHINI, A.S., *As melhores histórias da mitologia africana* A.S. Franchini & Carmem Seganfredo, 3ª edição, Porto Alegre, Artes e Ofícios, 2011.
- LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*, tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A, 1967.
- LINS, Paulo, *Desde que o samba é samba*, São Paulo, Planeta, 2012.
- NETO, Antônio Alves Teixeira, *Umbandismo*. Coleção espiritualista, nº 16, Rio de Janeiro, Gráfica Editôra, Ltda, 1957.
- ORLANDI, Eni P. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 6ª edição. Campinas, SP, Pontes Editores, 2011.